

### Da imaterialização.

O termo "cultura imaterial", que está se tornando moda, exige análise des-ideologizante. Por certo: todos sabemos o que o termo pretende, a saber cultura que elabora, transmite, e recebe suas informações sob forma electro-magnetizada. E pensamos, ao ouvirmos o termo, em coisas como sejam radios, televisão, videos, hologramas, disquetes de computador, satélites e cabos. Se refletirmos um pouco sobre tal cultura, ficamos sobretudo impressionados por dois aspectos: a reversibilidade de todas as mensagens, (não há mais emissor e receptor, mas todos podem reagir ativamente às informações recebidas), e a simultaneidade universal de todas as mensagens, (as categorias geográficas como seja cidade, campo, nação, lingua materna etc. vão sendo abolidas). Mas tais reflexões, por empolgantes que sejam, não ferem ainda o núcleo da revolução em curso. Que é este: em cultura imaterial o homem não mais deverá fazer face ao objeto pífido e duro. Aparelhos ad hoc programados se encarregarão disto. As implicações de tal mutação da posição existencial humana, (o homem deixará de ser sujeito dos objetos), desafiam a nossa capacidade prospectiva e reflexiva.

O termo-chave para tais reflexões me parece ser "informação", e partirei dele. A definição desse termo, apropriada neste contexto, me parece ser esta: "configuração pouco provável". Tal definição tem a vantagem de relativizar o termo, ao inseri-lo no campo da probabilidade. Determinada configuração é dita "informativa" na medida em que se opõe ao processo rumo ao provável em determinado contexto. Isto é: na medida em que se opõe à tendência dos sistemas fechados rumo à entropia. Duas consequências da definição proposta: (1) toda informação é provisória, porque toda configuração voltará necessariamente para a tendência geral rumo a entrópia; e (2) a cultura humana, tomada enquanto produção, transmissão e armazenamento de informações, é tentativa necessariamente frustrada para opor-se à tendência do mundo objetivo rumo à entropia, ao sempre mais provável, à morte.

Por certo: a cultura humana não é a única ilha negativamente entrópica no oceano do sempre mais provável. Configurações do tipo "galáxia", "organismo vivo" ou "cérebro humano" são tão pouco prováveis, tão informativos, quanto o são configurações do tipo "ponte de aço", "organização bancária" ou "sinfonia". Com efeito: trata-se de ilhas informativas que assentam uma sobre a outra: não existissem galáxias, mas apenas partículas distribuídas equitativamente no espaço-tempo, não poderiam existir organismos vivos, e não existissem os organismos não existiria o cérebro humano. E, obviamente, sem cérebro humano não existiria cultura humana. No entanto: há ruptura em tal hierarquia de ilhas. Até e inclusive o cérebro todas as informações surgiram ao acaso, como se fossem acidentes ocorridos no processo geral rumo à entropia. A par-

tir do cérebro as informações surgem porque o próprio cérebro as determina: são informações deliberadas. Sugiro que a passagem da cultura material para a imaterial marca outra ruptura.

Estas reflexões preliminares levam a crer que o cérebro humano é configuração na qual o acaso produtor de informação se transforma em produção deliberada, e que tal transformação seria a dignidade ontológica humana. Não quero, no entanto, simplificar, e portanto mitificar, o problema da liberdade. Os processos que ocorrem nas sinapses cerebrais, (as percepções, as imaginações, os sentimentos, os desejos, e os pensamentos), podem ser reduzidos aos cálculos de probabilidade, tanto quanto os demais processos electro-magnéticos, e obedecem a mesma estrutura estocástica, (isto é: ao acaso que vira estatisticamente necessidade). Isto é: os nossos pensamentos, sentimentos etc., sendo computações de saltos quânticos, são tão imprevisíveis e previsíveis quanto estes. De forma que a nossa deliberação, (nossa liberdade), se revelará espécie de produto do jogo do acaso. O que implica um curioso determinismo invertido: todos os pensamentos possíveis, até os menos prováveis, serão necessariamente pensados ao acaso.

A mesma dialéctica da liberdade se manifesta em outros níveis de grandeza. Por exemplo: o cérebro processa dados adquiridos pelos nervos para elaborar com eles informações novas. No entanto: o próprio cérebro já vem programado por informações genéticas, isto é produzidas ao acaso, (por "mutações genéticas" sucessivas). As informações deliberadamente produzidas pelo cérebro assentam portanto sobre informações produzidas aleatoriamente. Acresce que tais informações aleatórias genéticas determinam a elaboração das informações deliberadas: os nossos pensamentos, (tanto quanto as nossas percepções, imaginações, e sentimentos), são necessariamente pensamentos humanos. Deste ponto de vista todos os nossos processos mentais, (e todas as realizações provocadas por eles), são determinados para traz por acaso que virou necessidade, e para frente por deliberação que virará necessidade.

Ora, tal formulação do problema da liberdade, (opondo-a não tanto à necessidade quanto ao acaso), é desde já sintoma da passagem para a nova cultura. A explicação disto é simples: Todas as culturas precedentes, desde o paleolítica inferior até a cultura industrial, elaboravam informações a serem impressas em objetos, e os objetos são vivenciados enquanto obstáculos duros, determinantes, enquanto "necessidade". Para transmitir e armazenar informações deliberadas, era preciso, em todas as culturas precedentes, vencer a resistência da necessidade. A cultura imaterial é a primeira que elabora, transmite e armazena informações sem resistencia objetiva notável. O que é vivenciado, em tal cultura, é o jogo da computação, isto é das permutações ao acaso. É precisamente esta reformulação do problema da liberdade, (consequen-

cia de revolução aparentemente tecnológica), que merece ser meditada.

O termo "informação", tomado ~~epistémico~~ etimologicamente, significa "imposição de forma". O homem, em seu engajamento contra a entropia, (em prol da dita "imortalidade"), pegava nos objetos que o cercam para impor-lhes forma nova. Transformava pedras em facas ou em paredes, cachais em cachorros, sons em música, e seu próprio corpo em comedor de grama. E tais objetos transformados de naturais em culturais eram por sua vez utilizados para transformar mais outros objetos. Este feedback de mais em mais complexo entre o objeto transformado e o homem transformador, graças ao qual tanto o mundo objetivo quanto o próprio homem sofriam transformações sucessivas, é a dita "história da cultura". Com a cultura imaterial tal história muda de caráter.

No decorrer da história, o homem ia adquirir "consciência histórica", isto é consciência do efêmero das informações impressas em objetos. Os objetos culturais se quebram, e voltam para a natureza, (a entropia). Não apenas facas quebram e cachorros morrem, como cidades viram pó, e culturas inteiras são esquecidas. As próprias transformações sofridas pelo homem se decompõem, (são recalçadas rumo ao inconsciente). Mas o homem jamais se curvou perante a evidência do absurdo do seu engajamento contra a morte e o esquecimento. De um lado procurou sempre por objetos que sejam duráveis, (mais duráveis que bronze), por memórias fiáveis. Erigia monumentos. Do outro lado procurava imortalidade imaterial, memória não sujeita a entropia. A procura de objeto com memória durável resultou na invenção da escrita e da tipografia. A da imortalidade imaterial em diversas mitologias, das quais as religiões ocidentais são manifestação relativamente recente. A cultura imaterial é a primeira tentativa deliberada para a construção de memórias mais fiáveis e para a des-mitologização da imortalidade des-materializada.

O que caracteriza a escrita é que a informação por ela transmitida assenta sobre a superfície do objeto, e não o penetra. O objeto não serve de armazen, mas apenas de suporte. A tipografia é técnica que permite a transferência da informação escrita de suporte para suporte. O suporte da escrita, (por exemplo o papel), pode perfeitamente degradar-se, sem que a informação se perca. Por isto o texto é considerado pelos antigos "aere perennius", (mais durável que bronze). A cultura imaterial pode ser interpretada enquanto desenvolvimento da escrita e da tipografia. Sua especificidade neste sentido é que ela supera o suporte, que substitui o papel por campo eletromagnético, e que destarte permite que a decadência do objeto seja praticamente desprezada. Ora, isto envolve transvaloração de valores. Imprimir informação em objeto é conferir-lhe seu valor: faca é pedra valorizada. No texto impresso o valor está na superfície, e o suporte não é valorizado. Na cultura imaterial o valor passa a ser idêntico com informação, e o objeto deixa de ter valor, isto é passa a desinteressante.

Os mitos da imortalidade imaterial supõem confusamente que há armazem de informações, (de pensamentos, percepções, imaginações, sentimentos e desejos), que independe do cérebro perecível, (a dita "alma"). A cultura imaterial passa a realizar tal armazem, (inteligência artificial), ao simular processos cerebrais em objetos inanimados. No entanto inteligências artificiais não são apenas memórias, mas também instrumentos aptos a processarem os dados armazenados. De maneira que essas almas artificiais podem continuar a criar informações de pois da morte do cérebro que as tem programado. Por certo: tais almas artificiais são materiais, (sujeitas a entropia), mas as informações nelas armazenadas são facilmente transferíveis, (multiplicáveis). Ora, isto envolve reconsideração da imortalidade. Se, em tese, todos os nossos processos mentais podem ser preservados praticamente indefinidamente, (se nos tornamos todos imortais em memórias como seja a do ministerio da Fazenda), surge o desejo do sermos apagados e desaparecemos no anonimado. Os mitos da imortalidade da alma, quando se aproximam da realização, revelam os seus aspectos menos desejáveis.

Ora, se a cultura imaterial vai necessariamente resultar em desprezo por objetos, e em reconsideração da imortalidade, vai ela resultar com igual necessidade em mutação da posição humana. Desde que o homem é homem, (desde o paleolítico inferior), sua posição é ambígua: faz face ao mundo objetivo, e é contido por este. "Existência" é o termo que articula tal ambiguidade. E a cultura, (objetos informados deliberadamente), é a tentativa humana para superar o abismo que o separa do mundo objetivo. Doravante o homem não mais fará face aos objetos, mas programará aparelhos para fazê-lo. O homem deixará de ser sujeito dos objetos, e neste sentido terá-se ele libertado da determinação objetiva. Sua vida consistirá na produção, na transmissão, no armazenamento e no consumo de informações, e quanto ao seu corpo mamífero, este consumirá objetos informados por aparelhos. Não mais existirá ele como antes, e sua cultura será outra coisa.

Podemos desde já visualizar a mutação que está se preparando. O cérebro não mais será vivenciado como sendo um dos órgãos do corpo, mas, pelo contrário, o corpo será vivenciado como suporte material do cérebro, o qual por sua vez será considerado suporte material da mente. Ora, tal cerebralização e mentalização da vida revelará a posição do homem individual no tecido da comunicação inter-subjetiva. O indivíduo, (o Eu, a identidade), será revelado nó de informações confluentes e divergentes. Tal superação do mito da identidade resultará em visão nova da mente: campo de interação comunicativa. O homem deixará de ser sujeito dos objetos, e passará a ser conscientemente, o que sempre tem sido subconscientemente: existência intersubjetiva. O problema da determinação intersubjetiva passará a ser o problema da liberdade.

A cerebralização e mentalização da vida, que é o que caracteriza a passagem da cultura industrial para a imaterial, não é evento novo. É possível manter-se que a história da cultura não é senão processo de progressiva mentalização da vida. Mas não há como negar que estamos atualmente testemunhando salto em tal processo. Ora, há os que lamentam tal salto. Afirmam que a cerebralização implica empobrecimento da vivência proporcionada pelo corpo. Estão enganados. Todas as nossas vivências, para serem vivenciais, são rerebralizadas. O orgasmo, para citar o exemplo óbvio, é vivenciado cerebralmente, e o orgasmo puramente cerebral é o mais intenso e durável. A cerebralização deliberada e conciente intensificará e amplificará as vivências ditas concretas.

Gostaria de concluir estas reflexões sobre a cultura imaterial iminente com dois pensamentos. Há os que temem que a cerebralização e mentalização da vida implicará em vitória da razão e supressão das emoções e sentimentos. Efetivamente, a razão, (sobretudo a calculadora e computadorada), se desenvolverá para alcançar amplitude por ora inimaginável. Mas isto amplificará igualmente as sensações e os sentimentos. A razão tem coração que o coração ignora. Estamos no limiar de toda uma nova arte produtora de novas sensações e novos sentimentos. O segundo pensamento concluidor é este: a cultura imaterial, (se e quando realizada, coisa que de maneira alguma é certa), não proporcionará ao homem o paraíso. Os problemas propostos por ela serão enormes. Problemas epistemológicos: o que substituirá o conhecimento objetivo? Problemas estéticos: que será arte? E sobretudo problemas ético-políticos: que é liberdade intersubjetiva? A cultura imaterial não será paradisíaca, apenas será diferente. Se é que será e que catástrofes não intervirão para impedi-la.